

DO RENASCIMENTO À VIDA SOCIORRELIGIOSA: REVIRANDO MEMÓRIAS DE UMA BICHA PRETA MACUMBEIRA

Claudenilson da Silva Dias¹
Leandro Colling²

Resumo: Esse texto ebó é um esforço para apresentar a trajetória político-acadêmica e religiosa do autor que em primeira pessoa, narra suas experiências e vivências enquanto militante LGBT, bicha preta periférica e macumbeira até se tornar uma intelectual ligada aos estudos de gênero e religiosidades. Nesse sentido, aqui trato das dores e delícias de ser atravessada por todas as faces da vida sociorreligiosa.

Palavras-Chave: Gênero. Sexualidade. Memória. Candomblé.

FROM THE RENAISSANCE TO SOCIO-RELIGIOUS LIFE: REVOKING MEMORIES OF A BLACK FAUGH MACUMBEIRA

Abstract: This ebó text is an effort to show the political-academic and religious trajectory of the author, who, in first person, narrates his experiences as a LGBT militant, peripheral black and macumbeira faggot until he became an intellectual connected to gender studies and religiosities. In this sense, here I deal

¹ Doutorando em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Gênero e Feminismo PPGNEIM/UFBA; Professor assistente IHAC/UFBA e Pesquisador do NuCuS/IHAC/UFBA. Endereço eletrônico: dias.claudenilson@ufba.br.

² Professor Associado III IHAC/UFBA, Pesquisador do NuCuS IHAC/UFBA; Bolsista produtividade em pesquisa 2 CNPq, Professor colaborador no PPGNEIM/UFBA. Endereço eletrônico: leandro.colling@gmail.com.

with the pains and delights of being crossed by all sides of socio-religious life.

Keywords: Gender. Sexuality. Memory. Candomblé.

Eu sou o avesso do que o Sr. sonhou para o seu filho. Eu sou a sua filha amada pelo avesso. A minha embalagem é de pedra, mas meu avesso é de gesso. Toda vez que a pedra bate no gesso, me corta toda por dentro. Eu mesma me corto por dentro, só eu posso, só eu faço. Na carne externa quem me corta é o mesmo que admira esse meu avesso pelo lado de fora. Eu sou a subversão sublime de mim mesma. Sou o que derrama, o que transborda da mulher. Só que essa mulher sou eu, sou o que excede dela.

(Rafael Menezes)

Em respeito a todas as pessoas LGBT (e em especial a todas as pessoas trans* que formaram a bicha preta que sou), dedico esse texto à Linha de Estudos Trans, Travestis e Intersexo (TTI), do NuCuS³ e a toda bixa preta.

Nascido aos dezoito dias do mês de agosto, um novo filho viria ao mundo com muita sede e gana por ocupar o seu lugar ao sol. Desde muito cedo, as dificuldades enfrentadas pela família ensinavam-me que as possibilidades eram infinitas caso nos movimentássemos. E assim foi! Cresci como filho único (até os treze anos) e, na condição de primogênito, todas as vontades possíveis foram atendidas. Mãe e os demais, sempre muito solícitos, me prepararam para os momentos de construção da vida que nem sempre são favoráveis àqueles que nascem sob os estigmas sociais atribuídos pela sociedade na qual estamos inseridos. Com uma família extensa pude observar as relações que se desenrolavam diante das possibilidades de cada membro familiar. E com eles fui descobrindo as “diferenças” e “possibilidades” que cada corpo tem em sua conformação, sobretudo ao assumir a homossexualidade — aproximadamente aos quatorze anos —, até então um tema extremamente tabu para a minha família.

³ Para saber mais sobre a linha referida acompanhe nossas ações em nossas páginas e redes sociais. Nos siga aqui: <https://www.instagram.com/ttinucus>.

Comecei a estudar bem cedo e, como estudante sempre aplicado, tive boas referências no campo do ensino e aprendizagem. Recordo-me, escrevendo estas memórias, de mestras/es que compuseram parte do ser humano que me tornei e, em especial, cito a Profa. Maria das Graças Bellmont Dortas (*In Memoriam*), que muito me aconselhou e oportunizou. Portanto, dedico a ela o início de minha trajetória acadêmica, e não menos importante, a todas as pessoas que passaram por minha vida escolar que estarão aqui representadas nessa grande mulher. Nesse contexto, vivenciei inúmeras experiências que vão desde a organização política — ainda que eu não soubesse muito bem o que aquilo representava — até a minha incursão em atividades de formação profissional voltadas para o terceiro setor.

Passei a participar de uma formação para Agentes de Promoção e Prevenção às IST's/HIV/AIDS, oferecida pelo Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA/BA), a convite de um grande amigo, e foi o *start* para a minha aproximação com os movimentos sociais em defesa das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (o movimento LGBT) com as quais passei a ter posicionamento político e assim entender o papel sócio-político reservado a mim frente às demandas concernentes ao meu grupo social. Outras atuações políticas se deram no âmbito do desenvolvimento social lidando, especificamente com jovens em situação de vulnerabilidade social.

Tais vulnerabilidades refletem a necessidade de pessoas marginalizadas ocuparem locais em que possam ascender socialmente, pensando sobre as questões que os compelem a um não lugar, a uma não existência, a um não falar. As minhas incursões nos movimentos sociais reforçaram a minha gana por conhecimento e me fortaleceram no sentido de me tornar propositivo. Advém também do meu percurso nos movimentos sociais o *insight* para o ingresso na universidade, o que me tornou, para além de propositivo, crítico. Penso, ainda, que oportunizar a novos atores esse lugar de fala é,

antes de qualquer coisa, tirar da subalternidade corpos relegados à margem. Entendo também que tal oportunidade demonstra o quanto existe de capacidade nas populações vulnerabilizadas, quer seja por suas histórias de vida associadas às suas vidas acadêmicas, quer seja a partir da avaliação de suas propostas do entendimento de mudança de suas realidades.

Desde outubro de 1995, então com quinze anos, passei por um processo de renascimento. Fui iniciado em uma religião de matriz africana, o Candomblé, para o Orixá Oxumarê, a quem rendo homenagens e devo todo o meu respeito. Agradeço imensamente ao meu Babalorixá, Reginaldo Augusto ti OlogunEde, e a todas as pessoas com as quais contei nesse momento único da minha vida. Enalteço a participação efetiva de Altino Chagas (*In Memoriam*) — tio por criação, amigo e Babakekere — que muito me ensinou⁴. Que Oya o tenha em seus braços!

Na Comunidade Tradicional de Terreiro (doravante CTTro)⁵ onde fui iniciado, pude compreender os conhecimentos adquiridos no decorrer de minhas vivências anteriores e, assim, fui considerando os modos de vida possíveis nas demais CTTro. Após o rito iniciático, muitas de minhas fantasias acerca do Candomblé foram desveladas e pude perceber o quanto de familiar as casas de Candomblé tem, mas também percebi que elas são organizadas em torno das relações de poder que emergem no dos processos de hierarquização, cisheteropatriarcal e colonial, tais relações advindas, ora do dirigente, ora dos mais velhos que me rodeavam, para colocar o novo (e diferente) no seu lugar, o que culminou com o meu afastamento sistemático de minha CTTro de origem.

⁴ Babalorixá e Babakekere são os cargos hierárquicos ocupados pelos homens nas CTTro. Para as mulheres respectivamente *lyàlorixá* e *lyakekere*.

⁵ O professor e Babalorixá Sidnei Barreto Nogueira adota o termo CTTro para dar conta de todas as vivências nas comunidades religiosas de matriz africana, dentre elas o Candomblé. Para mais sobre o termo ver Nogueira, 2020.

Em alguns momentos, percebi minha sexualidade ser questionada em razão de minhas convicções políticas, já que uma “criança de 15 anos não deveria expressar abertamente o que pensava”, principalmente, em termos de gênero e sexualidade, mas também em outros temas como as relações de subordinação dos sujeitos às autarquias da casa. E, com isso, sentia-me aprisionado à responsabilidade de sempre ser bem visto (e quisto) por aquelas/es que me foram apresentadas/os como uma segunda família, embora não percebesse que esse bem querer era o racismo encrustado em nossa sociedade ampla agindo com a finalidade de reproduzir o regime escravocrata.

Diante das vulnerabilidades sociais que potencializam a marginalização dos sujeitos LGBT, me deparo com uma situação de muito incômodo quando não vejo em determinados espaços religiosos as pessoas vistas/lidas como “diferentes”. A dissidência sexual e de gênero se mostra com um dificultador de acesso a alguns espaços nas CTTro que exigem um comportamento que atenda as normas impostas a toda sociedade, a exemplo da heteronormatividade e da cisnormatividade⁶. Por mais que pareça contraditório, as experiências LGBT, nos espaços de terreiro, são limitadas à máxima que diz que do portão para dentro você deve ter uma postura e ao retornar às suas casas pode assumir outras facetas. Um paradoxo, uma vez que nossa subjetividade não se desvincula de nós quando adentramos o espaço sagrado. As nossas relações com nossas ancestralidades se constituem também através das afinidades estabelecidas com os adeptos da religião e tal aspecto foi importante para me fortalecer enquanto bicha, preta, macumbeira e periférica. Mas até isso acontecer muita água rolou pelas pontes e pela minha cabeça.

⁶ Essas categorias nos informam sobre as práticas de regulação dos corpos dissidentes diante das normas de gênero e sexualidade. Sobre elas, ver Leandro Colling (2015) e Viviane Vergueiro (2015).

Após um breve tempo afastado das atividades junto aos movimentos sociais em função das abrigações⁷ religiosas, retomei as ações de modo mais efetivo. Passei a integrar uma organização da sociedade civil, o Grupo Homossexual da Periferia (GHP), na qual dialogava junto com amigos de alguns bairros da periferia de Salvador e região metropolitana sobre as demandas evidenciadas pela comunidade LGBT local. Para a efetivação dessa instituição, tivemos o apoio do Coletivo de Mulheres do Calafate (CMC), a quem somos gratos pela imensa ajuda no sentido de estruturação organizacional.

Integramos os principais fóruns locais de organização das entidades da sociedade civil, como, por exemplo, o Fórum Baiano de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (FBLGBT)⁸, que articula as ações direcionadas para a implementação de Políticas Públicas para a população LGBT, e o Fórum Baiano de Ongs Aids (FOBONG), que prima pelas políticas de inclusão bem como as Políticas Públicas das Pessoas que vivem/convivem com HIV/AIDS (PVHA). Vários processos formativos no campo de prevenção às DST's/HIV/AIDS; Advocacy; Gênero e Sexualidade; Organização de Projetos para o Terceiro Setor e temas afins foram oferecidos em parceria com o poder público no sentido de aprimorar as ações dos movimentos sociais baianos.

E em um processo formativo em Advocacy, o Interagir — 2011, recebi a notícia, vinda de Rafael Santana, de que a partir de então eu integrava o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Um frisson inenarrável. Uma felicidade sem igual e logo foi externada aos meus pares que, com muita alegria, comemoraram. Afinal, mais um gay/negro alçava

⁷ Abrigações seriam o modo comum utilizados pelas pessoas do Candomblé para definir as suas práticas cotidianas e religiosas nas comunidades-terreiro. Em um aspecto do senso comum fala-se em “obrigações”. Agradeço à Mestra Janja pela elucidação desse aspecto na minha defesa de dissertação.

⁸ Blog institucional: <http://forumbaianolgbt.blogspot.com.br/2011/01/entidades-filiadas-ao-forum-baiano-lgbt.html>.

voo em direção à academia. Orgulha-me lembrar do momento em que dei, essa notícia à minha Mãe e a minha saudosa Avó, Juracy Silva (*In Memoriam*) e, em seguida, a todas as pessoas que me acompanhavam na época!

Noites em claro, trabalhos “mal feitos”, pavor, anseios, luta e persistência foram aspectos que me tornaram ainda mais desbravador nesse novo espaço, que, em boa medida, não foi pensado para que meu corpo ocupasse obedecendo às premissas do racismo institucionalizado que impera na academia ainda muito branca e androcêntrica. Esse novo mundo me foi aberto pela vontade de conhecer e pude vivenciar muito do que a universidade pôde me proporcionar. Infelizmente, não acessei o Sistema de Cotas no período da graduação (talvez por não me entender negro o bastante — mais uma estratégia do racismo para nos relegar ao não-lugar existencial —, mas compenso essa questão acessando o edital de cotas para pessoas negras no doutoramento, e isso não quer dizer que não tenha me constituído como um ser pensante sobre as questões raciais no decorrer de minha jornada. Pelo contrário, aliando-me ao pensamento feminista negro, pude refletir sobre os valores políticos que incidem sobre nossas vidas pretas e como isso se reflete no nosso fazer acadêmico.

Desse modo participei, efetivamente, de todas as atividades possíveis dentro da universidade e precisei, em função da dedicação a esse espaço e pelas escolhas supracitadas, afastar-me das atividades do movimento social. Desde o meu ingresso (2011), filiei-me ao Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade — que àquele momento atendia pela sigla CUS⁹, e com o qual já flertava desde o ano anterior, quando participei do Curso de Introdução às Políticas e *Teoria Queer*. No NuCuS desenvolvi pesquisa, extensão, monitorei

⁹ Em 2018, o grupo de pesquisa se tornou Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades – NuCuS. Para mais informações veja em <http://politicasdocus.com/> ou <https://www.facebook.com/grupocusbahia/>.

atividades e organizei eventos no campo das dissidências sexuais e de gênero, atividades as quais compõem o meu currículo acadêmico. Enquanto pesquisador, estive vinculado à pesquisa conjunta do Núcleo sobre as representações das personagens não heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo e no Teatro Baiano, cabendo a mim este último item, aliás, o que nos rendeu um artigo científico apresentado no III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, um congresso local. Experiência única. Primeira apresentação oral que originou tantas outras.

Vinculado ao Programa Permanecer/PROAE/UFBA, a partir das atividades de monitoria e organização de eventos acadêmicos, pude desenvolver habilidades como, por exemplo, organização, divulgação, orientação desses eventos. No período ainda participei do projeto de extensão Psico Sex Cine — Cineclubes Sexualidades, que consistiam em um cine debate voltado para as temáticas LGBT. Além de desenvolver atividades organizacionais/institucionais para a realização das atividades, ainda coordenava os debates realizados após a exibição dos filmes.

No Programa de Monitoria Acadêmica (PROAE/UFBA) pude participar dos momentos formativos de turmas de graduação e, conseqüentemente, de outros discentes, de modo a contribuir para o desempenho deles e do meu próprio, quer seja no processo de interação, quer seja com proposição de novas formas de ensino-aprendizagem. Fui orientado pela Professora Denise Vieira — em dois momentos distintos nos componentes eletivos Estudos sobre a Contemporaneidade I e Estudos das Subjetividades — com a qual tive contato com a formação de Agentes Sociais de Mudança, atividade de extensão baseada na teoria de grupos operativos, do autor argentino Henrique Pichon-Rivière, que se empenha em potencializar os trabalhos grupais para além de promover o processo de coordenação e observação dos grupos que se formam. Entre 2014 e 2016, fiz parte de uma formação espe-

cífica sobre a teoria pichoniana através do Núcleo de Psicologia Social da Bahia, através de bolsa de estudo oferecida pela coordenação deste Núcleo.

Como aluno regular do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, cursei o componente curricular HACA 77 Estudos das Subjetividades, tendo como docente o Prof. Dr. Leandro Colling, meu orientador desde o início de minha formação acadêmica e hoje orientador de doutoramento. Como item avaliativo precisava produzir um projeto de pesquisa/intervenção abordando um mal-estar na atualidade, identificando e analisando o problema da pesquisa e se possível propor uma solução para ele.

Em uma realidade como o Candomblé, que é visto como um espaço religioso que agrega todas as diferenças, pensei justo na invisibilidade das pessoas trans* como possíveis colaboradoras para entender tal dinâmica de exclusão. Em alguma medida, o projeto de pesquisa falava de uma realidade presente no meu cotidiano. Como dito acima, sendo iniciado no Candomblé, sempre me pegava fazendo esse questionamento: por que não vejo pessoas trans* nas casas de Candomblé? E assim nasceu o meu incômodo sobre as sociabilidades trans* nas CTTro. Foi inclusive a partir desse “pequeno” projeto de pesquisa que surgiu a minha intenção de pesquisa para o mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM), onde desenvolvo pesquisa de doutoramento sobre os impactos coloniais das religiões judaico-cristãs sobre as religiões de matriz africana, em destaque o Candomblé.

A discussão sobre as perspectivas trans* e travestis tomaram corpo nas universidades e ganharam também os terreiros de Candomblé, como pretendíamos. E esse destaque frente às pautas políticas desse segmento nos movimentos sociais indica que o meu percurso universitário e de outras pessoas sensíveis às pautas têm apontado sobre a

importância das discussões de gênero e sexualidade, que contribuem, em alguma medida, para o respeito às diversidades sexuais e de gênero, contrapondo-se às práticas de exotificação e fetichização, quer nas comunidades de terreiro, quer na vida social das pessoas LGBT (BOMFIM, 2009; RIBEIRO, 2009; JESUS, 2012a; SANTOS, 2013; ROMBA, 2015; DIAS, 2017; LEMOS, 2019).

Aprendi com Viviane Vergueiro (2015) que é possível assegurar um distinto modo para falar sobre os caminhos tortuosos (na academia e fora dela) que se impõem em nossas vidas e, ainda assim, construir uma narrativa de si desde dentro de sua base de vida. Para a autora, propor uma auto-etnografia trans* tem a ver com o *modus operandi* da construção de conhecimento sobre as subjetividades de pessoas trans* e esse modo de pensar as relações se estende a outros segmentos sociais, dentre eles os povos de comunidades tradicionais de terreiro. No Candomblé, temos um considerável número de intelectuais que falam sobre suas experiências sensoriais e transformadoras no seio dessa religião (RABELO, 2014; CONCEIÇÃO, 2017 dentre outras). Entretanto, para fazer esse exercício você precisa estar disposta/o a lidar com os olhares atentos daquelas/es que nos rodeiam.

Ainda hoje percebo poucas pessoas trans* nas celebrações em terreiros de Candomblé. Entretanto, essa realidade vem sendo, aos poucos, modificada e as possibilidades de inserção têm se mostrado efetivas. A título de exemplo, vivemos hoje, no Ile Ase Etomin Ewa¹⁰, a inclusão de um homem trans* que tem a sua identidade de gênero respeitada, um avanço para uma comunidade religiosa que não se dedicava a debater efetivamente as questões ligadas às diversi-

¹⁰ Casa de axé onde dei prosseguimento à minha vida religiosa e onde inclusive defendi a minha dissertação de mestrado. Veja aqui a chamada do PPGNEIM: <http://www.ppgneim.ffch.ufba.br/defesa-publica-de-dissertacao-de-mestrado-de-claudenilson-dias>.

dades sexuais e de gênero, mas que recebeu a defesa de minha dissertação com um espaço de diálogo frutífero.

Aos vinte e seis dias de outubro de dois mil e dezessete vivenciamos a experiência de colocar a comunidade-terreiro da qual faço parte, o Ilê Asé Etomin Ewa, assim como parte da comunidade acadêmica, e para ser bem preciso, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre as Mulheres, Gênero e Feminismo e o Bacharelado de Gênero e Diversidade do Departamento de Gênero e Diversidade, o CEAO e outras instâncias da Universidade Federal da Bahia, para repensar os modelos hegemônicos de socialização (e produção) do conhecimento científico.

Depois de uma noite inteira de entrega ao sagrado em reverência ao Orixá Songo, deparamo-nos, eu e minha CTTro, com os preparativos para aquele que seria o momento da defesa da dissertação que foi apresentada para nossa comunidade como uma porta de diálogo entre nós e a academia. Claro que não sem alguns processos de sensibilização aqui e acolá. De um lado, no seio de minha matriz religiosa, tive a oportunidade de, no período de minha abrigação de quatorze anos de iniciação, poder conversar com as pessoas que gerem a nossa comunidade religiosa e assim pudemos entender juntos que existia a necessidade de tratar dos temas ligados às questões de gênero e sexualidade. Foi uma troca sensível entre mim, meu Babalorisá Regilton Alves Ribeiro ti OlogunEdé, minha Ìyálasé Jacira Alves ti Osogiyán, minha Ìyádagan Rejane Alves ti Osun e algumas outras/os irmãs/ãos de axé com as/os quais tive o prazer de desenvolver meus pensamentos no que se referia ao estudo que enfrentava para aquele momento.

De outro lado, na academia, surgia o melindre de a comunidade-terreiro não estar “pronta” para ouvir os reclames de segmentos sociais que reivindicam existir no lugar social Candomblé (ou melhor, na CTTRO). A professora Lina Aras, que, aliás, compunha a banca de qualificação e de defe-

sa do trabalho, sentia-se temerosa por entender a densidade da temática uma vez que ele apontava equívocos passíveis de correção por parte de nossas CTTro. Lembro do empenho de Profa. Janja Araújo e Prof. Leandro Colling quando lancei a proposta de levarmos a defesa para o meu terreiro de Candomblé, contudo, pairava a dúvida sobre as (im)possibilidades dessa ação. De modo que meus pais Oxumarê e Xangô quiseram e assim aconteceu.

Imagem — O dia da defesa



Autora: Janja Araújo

Com o apoio das pessoas que nos rodeavam, pudemos realizar, para além de uma defesa, um momento de reflexão sobre as pessoas trans* num espaço em que se acredita sagrado, mas que não se revia, até aquele momento, como mantendo estruturas transfóbicas e racistas com atos de negação de existências diferentes das usualmente consideradas normais. Digo isso contando com modificações importantes na minha CTTro, haja vista que temos em nosso convívio um homem trans* sendo respeitado em sua individualidade e mantido em nossas vidas nos ensinando a lidar com as transexualidades de modo respeitoso e sem receios.

Esse ato político reafirma a necessidade de todas as CTTro debaterem as temáticas de gênero e sexualidade (dentre tantos temas necessários às nossas comunidades de base), sem os moralismos propostos pelas religiões cristãs que circundam nossas CTTro desde a sua fundação. Para além disso, importa ressaltar que, ainda que não consigamos modificar as mentalidades de nossas/os mais velhas/os, deve-

mos nos (re)pensar como interlocutoras/es de nosso tempo e, assim, sensibilizar a nossa geração para um Candomblé que possa discutir questões da atualidade, como, por exemplo, as transexualidades no Candomblé, mas não apenas.

O Candomblé que precisamos reivindicar é um Candomblé antilgbtfóbico-antiracista-antietarista-antifacista-antimachista-antisexistista, e que promova o bem-estar social para todas as pessoas que busquem, nas CTTro, um lugar para se compreender enquanto ser humano e tenham no axé aquilo que consideramos como nossa base de sustentação em todos os âmbitos: a nossa força vital.

Há um elemento que traz à tona a perspectiva decolonial, cujo trabalho reivindicava o fato de a academia se permitir (re)pensar os *lócus* de construção do saber. A casa de Candomblé como esse lugar da produção do conhecimento, da difusão do conhecimento, é algo importante para a promoção de novas epistemologias. Não à toa chamarei esse texto de uma autoetnografia, uma vez que me possibilita dedicar um tempo para pensar sobre a trajetória da comunidade-terreiro para a academia e vice-versa, ao passo que me permite pensar sobre as construções político-formativas que eu sou capaz de promover nas nossas CTTro. Perceber a academia se deslocando de seu lugar de conforto (a sua torre de marfim) em função do desconhecido é surpreendente ao passo que demonstra o interesse daquele que é visto como “nativo” se reconhecer como produtor de um conhecimento desde dentro de sua comunidade.

Indicar à CTTro que ela precisa se repensar em alguns aspectos da vida cotidiana também é uma prática decolonial, a meu ver. Enquanto um “forasteiro de dentro (*outsider within*)”,¹¹ pude vivenciar as potências e os desafetos de

¹¹ Termo utilizado pela socióloga Patricia Hill Collins (1990) para se referir a mulheres negras que, mesmo estando envolvidas em questões ligadas aos trâmites acadêmicos, não são legitimadas por suas vivências. Uma tradução

propor uma crítica desde dentro de minha matriz religiosa. De modo que, apontar tais equívocos foi importante para me repensar enquanto sujeito de direito, afinal, o meu direito começa onde termina o direito de outrem (do mesmo modo os deveres devem seguir o mesmo fluxo). Sinto que tenho feito esse caminho sempre me colocando como aprendiz e jamais como detentor de conhecimento absoluto, até porque, como nos ensinam as mais velhas do feminismo negro: nossos passos vêm de longe. Axé!!!

Referências

BOMFIM, Patrick Thiago dos Santos. *Discriminação e preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2009. 132p.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: Edufba, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado* — v. 31, n. 1, Jan/Abril, 2016.

CONCEIÇÃO, Joalice. *Irmandade da Boa Morte e Culto de Baba Egum: masculinidades, feminilidades e performances negras*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

DIAS, Claudenilson, CARNEIRO, Anni, FERNANDES, Cristina, GONÇALVES, Denívia. Análise do discurso crítica na práxis do Candomblé. In: *Anais eletrônicos. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*, vol 1, 2014. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-atual-x-enecult/>.

DIAS, Claudenilson. Noites Baianas: um encontro entre a arte de representar e a (in)capacidade de subverter as normas de sexualidade e gênero. In: *Caderno de programação e resumos do II Seminário internacional enlaçando sexualidades: direitos, relações etnicorraciais, educação,*

desse texto pode ser encontrada em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>.

trabalho, reprodução, diversidade sexual, comunicação e cultura de 04 a 06 de setembro de 2011. Vol. 2. Salvador: EDUNEB, 2011. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosesexualidades/files/2013/06/Noites-baianas-um-encontro-entre-a-arte-de-representar-e-a-incapacidade-de-subverter-as-normas-de-g%C3%AAnero-e-sexualidade.pdf>.

DIAS, Claudenilson. *Identidades trans* e vivências em candomblés de Salvador: entre aceitações e rejeições*. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). 137 f. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28601>.

DIAS, Claudenilson. Vivências de gênero dissidentes em religiosidades de matrizes africanas: alguns aspectos sobre as transexualidades na religião. *Veredas da História*, [online], v. 12, n. 2, p. 11-43, dez., 2019, ISSN 1982-4238 Disponível em: <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/438>.

JESUS, Fátima Weiss de. *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Tese de doutorado. Fatima Weiss de Jesus; Orientadora, Miriam Pillar Grossi — Florianópolis, SC, 2012. 302 p. Disponível em: <http://nigs.ufsc.br/files/2012/01/TESE-FATIMA-WEISS-FINAL.pdf>.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* (2012). Disponível em: http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans. Acesso em: 13 jun. 2014.

MENEZES, Rafael. *O avesso da travesti*. Disponível em: <http://farejandoo.mundo.blogspot.com.br/2010/05/o-avesso-da-travesti.html>.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Pólen (Coleção Feminismos Plurais), 2020. 160p.

RABELO, Miriam. *Enredos, Feituras e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: Edufba, 2014.

RIBEIRO, Luiz Albero Faria. *Deus é para todos?: travestis, religião e inclusão social*. Dissertação (Serviço Social). 159f. Pontifícia Universi-

dade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710336_09_Indice.html.

ROMBA, Rui Martins. *O Candomblé no Terreiro de Pilão Branco em São Paulo: Estudo de Caso sobre o impacto da religião no cotidiano de praticantes Pessoas Trans*. Dissertação (Relações Interculturais). 195 p. Universidade Aberta. 2015. Portugal (EAD) Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/44631/Tese%20Mestrado%20-%20Rui%20Martins%20Romba.pdf>.

SANTOS, Ailton Silva. *O gênero na berlinda: reflexões sobre a presença de travestis e mulheres transexuais nos terreiros de candomblé*. Texto apresentado no III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, 2013 Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/O-g%C3%AAnero-na-berlinda-reflex%C3%B5es-sobre-a-presen%C3%A7a-de-travestis-e-mulheres-transexuais-nos-terreiros-de-candombl%C3%A9.pdf>. Acesso: 25 set 2016.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>.

WOLFF, Erick. A homossexualidade abordada na religião Yorùba. *Revista Olorun*, n. 8, abril, 2012. Disponível em: <http://olorun.com.br/site1/publication/revista-olorun-n-08-abr-2012/10.html?tmpl=component#page/90>> Acesso: 17 mar. 2017.

[Recebido: 02 set. 2021 — Aceito: 18 out. 2021]